



## FLANANDO POR DUAS 'RUAS' DA WEB 2.0: GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE EM TEMPOS FLUIDOS

ALMEIDA, Ricardo Pinheiro de  
Faculdade CCAA  
ricardo-pinheiro2008@hotmail.com

275

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar breves considerações acerca dos construtos sociais 'gênero', 'raça' e 'sexualidade' a partir de duas páginas da internet. A escolha de tal espaço interacional decorre da crença de que este é um rico lócus para a observação de novas formas de ser e de viver. Estas, por seu turno, emergem como reflexos de uma sociedade pós-moderna, logo, instável, fluida e transitória. Tomando por base a Teoria *Queer* nas perspectivas de Judith Butler (1990, 2004), Sullivan (2003), Ford (2011) e Barnard (2004), defendemos que os construtos em debate não devem ser considerados isoladamente. Também argumentamos que a Web 2.0 é um espaço social onde a Multidão (MOITA LOPES, 2013) tanto pode sedimentar discursos como pode desestabilizá-los. As formas de letramentos digitais (MOITA LOPES, 2012) proporcionadas por essa tecnologia possibilitam a coexistência e a interação das diferenças, sendo, portanto, um espaço que impulsiona a heterogeneidade.

**Palavras-chave:** Novos Letramentos Digitais. Teoria *Queer*. Pós-modernidade.

### ABSTRACT

This text aims at presenting brief reflections on the social constructs 'gender', 'race' and 'sexuality' focusing on two sites on the Internet. We have chosen such interactional 'locus' for we believe that it is a rich space where one may examine new ways of living and being, which emerge as consequences of a post-modern society, therefore, unstable, fluid and transitory. Based on the Queer Theory perspectives by Judith Butler (1990, 2004), Sullivan (2003), Ford (2011) and Barnard, this text also aims at defending that the debated constructs should not be taken in consideration all together. Likewise, we argue that Web 2.0 is a social space where the Multitude (MOITA LOPES, 2013) can either reinforce discourses or unstable them, considering that the forms of digital literacies (MOITA LOPES, 2012) promoted by this technology make it possible the coexistence and the interaction of differences, being, therefore, an encouraging space towards heterogeneity.

**Keywords:** New Digital Literacies. Queer Theory. Post-Modernity.



## **INTRODUÇÃO – PRIMEIRAS PALAVRAS**

Estamos situados no século XXI, mais precisamente segunda metade de 2014. As redes sociais saíram do plano da ficção científica e penetram diária, silenciosa e tacitamente em nossas existências diárias. A elas têm sido atribuídas mazelas e benesses, vantagens e desvantagens, possibilidades infinitas de construção e reconstrução de performances identitárias e múltiplas (re)existências: de gênero, de sexualidades, de políticas e também, claro, raciais. Os novos letramentos que as mídias digitais têm evidenciado põem em xeque os binarismos e essencialismos profundamente arraigados sob os quais vivemos. Frutos do positivismo que dominou a modernidade (e que ainda não exorcizamos plenamente), tais modos de ver e de estar no mundo têm sido amplamente questionados pelas epistemes que surgem na pós-modernidade (ou modernidade tardia). Com isso, conceitos caros às Ciências Sociais e Humanas têm sido saudavelmente revisitados, questionados, desconstruídos e problematizados. Foucault, Butler, Moita Lopes, Santos, Hall, Preciado e tantos(as) outros(as) pensadores(as) têm se debruçado sobre questões emergentes e urgentes na modernidade tardia, época que não comporta mais divisões binárias, existências polarizadas, questões essencializadas, muito graças a um mundo que se repensa constantemente. Parte da ‘gênese’ de tal sociedade reflexiva é atribuída às redes sociais e às tecnologias comunicacionais que dela se desdobram. Em todas essas questões, a linguagem exerce papel central e, portanto, fundamental. Se é por meio da linguagem que o ser humano se torna humano (diferenciando-se – guardadas as devidas proporções – do jabuti, do macaco, do golfinho, da arara e de outras espécies do reino animal), então é ela que deve ser colocada em primeiro plano e é com ela que se deve dialogar em recortes interdisciplinares. Assim, a Filosofia, a Sociologia, a Linguística, a Comunicação Social, a Antropologia, a História, dentre outras áreas das humanidades e das Ciências Sociais, devem considerar em suas análises e construções teóricas/epistemológicas o que há de comum e o meio pelo qual o mundo dos seres humanos é construído, reconstruído, desconstruído e reinventado: a linguagem.

### **I. PARA SITUAR: UMA PARÁFRASE, UMA METÁFORA E NOSSO CONTEXTO**

Na primeira década do Século XX, entre 1904 e 1907, João do Rio, pseudônimo de João Paulo Coelho Barreto (ANTELO, 2008, p. 9), publicou na imprensa carioca textos nos quais este autor observava as mudanças pelas quais passava a cidade do Rio de Janeiro,



capital federal da república recém-proclamada em 1889. As crônicas jornalísticas traziam as considerações de João do Rio sobre a chegada dos tempos modernos no Brasil republicano. *Grosso modo*, podemos dizer que seu ‘método’ de pesquisa e observação era perambular pelas ruas do Rio de Janeiro. Não à toa, uma de suas crônicas inicia-se da seguinte forma sucinta e objetiva: “Eu amo a rua” (RIO, 2008, p. 28). Para este jornalista, a rua possuía significados que transcendiam a “obscuridade da gramática e da lei” (RIO, 2008, p. 29) que compunham as definições encontradas em dicionários e enciclopédias a respeito daquele espaço territorial.

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator de vida das cidades, a rua tem alma! [...] A rua é generosa. [...] A rua é transformadora das línguas. [...] A rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros. (RIO, 2008, p. 29)

A fim de entender as dinâmicas das ruas que relatou em suas várias crônicas, João do Rio estabeleceu para si um ‘método’ para observação: o de ser um *flâneur* e “praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flanar” (RIO, 2008, p. 31). E o que significa ‘flanar’? O próprio cronista define em um de seus textos.

Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da populaça, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, [...] Flanar é a distinção de perambular com inteligência. [...] O flâneur é ingênuo quase sempre. Pára diante dos rolos, é o “eterno convidado do sereno” de todos os bailes, quer saber a história dos boleiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, [...]. (RIO, 2008, p. 31-32. Grifo do Autor.)

Passeando sem pressa e/ou destino, refletindo acerca das pessoas que encontrava em suas caminhadas, João do Rio demonstrou em suas crônicas seu olhar fixo naquele presente, porém aberto para as transformações advindas dos tempos modernos. O cronista argumentava que as ruas possuíam alma, logo, tinham vida: “Balzac dizia que as ruas de Paris nos dão impressões humanas. São assim as ruas de todas as cidades, com vida e destino iguais aos do homem” (RIO, 2008, p. 33).

Posto isso, e guardadas as devidas proporções, nosso trabalho teve como objetivo também flanar, entretanto, em espaços digitais de interações sociais. Em vez de perambular pelas ruas da cidade para observar-lhes a ‘alma’ (RIO, 2008), flanamos em páginas da Web 2.0 por considerarmos que estas são as ‘ruas’ da pós-modernidade ou da modernidade tardia



(GIDDENS, 1991; HALL, 2006) e que por elas temos acesso a toda sorte de seres humanos de diferentes gêneros, raças, sexualidades, classes sociais, credos e outras construções discursivas que compõem o denso, complexo e fluido tecido social.

Se “as ruas são entes vivos, as ruas pensam, têm ideias, filosofia e religião” (RIO, 2008, p. 38), não nos parece inadequado considerar que o mesmo pode ser dito a respeito da Web 2.0, de modo que, parafraseando a metáfora de João do Rio (2008), o mundo digital pode ser comparado às ruas, sendo, portanto, um espaço democrático, no sentido amplo do termo, e, igualmente, um rico lócus de observação de diferentes performances (termo que será abordado posteriormente neste texto).

Lançando mão da metáfora da praça pública (a ágora grega da antiguidade clássica) e dos moinhos medievais, estes a partir de sua leitura de Ginzburg (2006), Moita Lopes (2010) argumenta que “os novos letramentos digitais, disponibilizados pela Web 2.0, se tornaram a praça pública e os moinhos nos quais a vida pública assim como a privada [...] estão continuamente em discussão” (p. 394) e, mais interessante ainda, “distantes dos olhares institucionais ou no anonimato” (p. 394).

Cumprido salientar que não operamos com visões que desfavoreçam o impacto das tecnologias digitais em nossas existências cotidianas, de modo que concordamos com Schrage (1997) quando este assevera que estamos situados em um momento de “Revolução das Relações” em vez de “A Era da Informação”, expressão que para o autor constrói “clichês aborrecedores” e “perigosamente míopes”. Para Schrage (1997), é mais adequado e coerente observar a mídia digital pelas lentes da “relação”, uma vez que a entrada para o mundo virtual não ocorre por meio de dados e de informações e sim “pelo valor e pela prioridade que as pessoas dão à quantidade e à qualidade de suas relações” (SCHRAGE, 1997; s/p), afinal a tecnologia de rede exige que “regras tácitas sobre as relações interpessoais sejam feitas mais explicitamente” (SCHRAGE, 1997; s/p), visão com a qual concordamos e que nos remete a duas questões de extrema relevância já observadas por Moita Lopes (2012): “a centralidade da linguagem e os letramentos digitais como práticas sociais” (p. 208).

Para o autor (2012), a informatização de grande parte das atividades humanas “tornou o discurso central em nossas práticas sociais cotidianas” (p. 208), mas “não nos demos conta ainda da relevância da linguagem no modo como as sociedades estão se organizando em volta da tecnologia” (p. 208-209), de maneira que “os chamados novos letramentos são cada vez mais centrais no mundo contemporâneo” (p. 209). Moita Lopes (2012) ainda argumenta que



se deve compreender que a internet “ampliou e fomentou” (p. 209) diferentes *ethos* preexistentes a essa tecnologia. Dito de outro modo: pessoas agrupadas em torno de afinidades existiam antes do advento da internet. Esta, por seu turno, “potencializa no mundo virtual modos de ações discursivas já existentes” (MOITA LOPES, 2012, p. 209). Sendo assim, “nas práticas sociais de letramentos digitais, atravessamos fronteiras por meio da linguagem” [...]. (MOITA LOPES, 2012, p. 209). Decorre, então, nosso interesse em observar os atravessamentos das fronteiras de gênero, de sexualidade e de raça construídas discursivamente, ou seja, pela linguagem, em páginas pelas quais flanamos na Web 2.0, com vistas à desestabilização desses conceitos em tempos fluidos.

Considerada brevemente a importância da linguagem e dos letramentos digitais como práticas sociais, faremos breves considerações acerca do construto teórico utilizado neste trabalho, qual seja, a Teoria *Queer*.

## II. NA RUA DA TEORIA *QUEER* – BREVE PERCURSO

Salientamos que a presente seção do trabalho não tem o intuito de esgotar as complexidades subjacentes à Teoria *Queer*, nem tampouco ser um resumo cerceador de discussões mais aprofundadas e, com efeito, válidas. Nosso desejo é apresentar algumas das inúmeras leituras disponíveis que abrangem a ‘gênese’ da referida teoria e construtos com os quais dialogamos neste texto, a saber: gênero, sexualidade e raça, de modo a construirmos o embasamento teórico para a análise posterior.

Assim, para iniciarmos este (breve) percurso, é necessário trazermos a figura do filósofo da linguagem britânico, J. L. Austin (1911-1960), em especial a ideia de performativo, construto que foi revisitado por Jacques Derrida (1977) e Judith Butler (1990, 2003).

Austin (1990, p. 24) argumenta que dizer uma sentença em um dado contexto não se restringe a descrever ou a declarar uma ação. De acordo com o filósofo britânico, dizer é fazer, donde o título do seu livro *Quando dizer é fazer* (1990). Logo, quando dizemos algo estamos, conseqüentemente, fazendo algo. Austin (1990) postula que os atos da linguagem são capazes de construir realidades, desde que haja condições favoráveis. Exemplificando: ao dizer/escrever “sou heterossexual”, um homem ou uma mulher está se fazendo heterossexual, isto é, ele/ela aciona uma série de discursos que fazem/constituem a sexualidade



regulamentada e normatizada também por discursos: engajar-se em práticas sexuais com o sexo (biológico) oposto, portar uma série de signos e comportamentos sociodiscursivamente construídos como ‘adequados’ e ‘corretos’. Posteriormente Judith Butler (1990, 2003) opera com a ideia de que a sexualidade é construída discursivamente, logo, feita *no* e *pelo* discurso.

Retomando Austin (1990), para quem “ao proferirmos nossos performativos estamos de modo efetivo e em sentido inequívoco ‘realizando ações’”, Loxley (2007) retoma os três eixos de fala ou de proferimento estabelecidos por Austin (1990). São eles: o eixo locutório, isto é, “as funções semânticas e referenciais da linguagem” (p. 18); o eixo ilocutório, o tipo de ação que se realizou ou se desejou realizar (p. 18), o eixo perlocutório, ou o efeito produzido ao se fazer um proferimento (p. 18).

Pennycook (2007) assevera que é de extrema relevância o debate proposto pelo filósofo francês Jacques Derrida a partir da leitura deste da obra de Austin. Derrida (1997) considera a iterabilidade constitutiva da linguagem, isto é, “o uso da linguagem se torna efetivo pela repetição, pela citação” (PENNYCOOK, 2007, p. 67). Assim, o ato performativo (dizer = fazer) da linguagem torna-se possível porque, além das condições adequadas, ele é constituído pela iterabilidade e pela citacionalidade. Em outros termos: a concretização (o ‘fazer’) daquilo que é dito acontece porque é repetida (iterada/citada) em diferentes tempos e espaços, em contextos infinitos. Derrida (1977) argumenta que a citação/repetição é constitutiva da linguagem. Desse modo, podemos considerar que o uso da linguagem é sempre performativo e sempre se dirige para alguém em determinado contexto, sendo, portanto, situado.

Some-se a isso o fato de que, no momento do dizer, o falante traz, porque repete, seus predecessores, conforme nos lembra Pennycook (2007) que, ao retomar Bakhtin, sugere que “todo uso de linguagem carrega em si histórias de seus usos anteriores” (p. 72). Tais predecessores reuniam condições favoráveis similares e lançaram mão da mesma estratégia linguística, visando produzir o mesmo tipo de efeito de sentido.

Ainda é Pennycook (2007) quem reforça a necessidade de considerarmos as línguas como “entidades que preexistem as nossas performances linguísticas” (p. 73). O autor considera que as identidades generificadas ou étnicas são “produtos sedimentados de atos repetidos de identidade” (p. 73). Desse modo, Pennycook (2007) defende que performamos identidades e línguas com palavras, de modo que a linguagem é performativa.



Nesse sentido, Butler (1990, 2003) argumenta que o gênero é produzido por meio de semelhante processo performático. Desse modo, o uso linguístico, a iterabilidade, as performances sedimentadas, normatizam socialmente o gênero. Em outros termos: uma performance gera outra e cria um discurso coercitivo sobre o gênero, sendo, pois, performático, por produzir uma realidade e estabelecer regras e limites para sua expressão. O gênero, então, é performativo, pois é criado (dizer – fazer) concomitantemente a sua normatização (a sedimentação das performances).

Exemplificando: quando se anuncia o sexo biológico de um bebê (menino ou menina), tal anúncio (por si só performativo) aciona uma série de atos e atitudes (performances sedimentadas) que visam dar os contornos do gênero e o modo como o indivíduo deverá viver sua sexualidade. Após tal anúncio, o indivíduo será colocado num mundo discursivo que delimita os tipos de roupas que deverá usar, as cores que condizem ao seu gênero, os tipos de brinquedos, os seus engajamentos sociais etc. Em outros termos: uma performance que gera outras performances, repetindo-as, legitimando-as e sedimentando-as no eixo espaço-tempo.

O que Judith Butler, contudo, parece desejar alcançar é a desestabilização do gênero, bem como de todo e qualquer tipo de binarismos. Ela propõe que pensemos não mais em termos de ‘isto’ ou ‘aquilo’ e sim em ‘isto’ e também ‘aquilo’, de modo que nossas vivências no mundo estejam livres de normatizações e essencializações. A ideia, assim acreditamos, é desestabilizar. Essa talvez seja a ação que a Teoria *Queer* almeja alcançar, haja vista que vivemos em épocas de dúvidas, incertezas e ambiguidades, conforme asseveram Moita Lopes (2008, 2013), Wilchins (2004), Sedgwick (1990) e Sullivan (2003), dentre outros/outras que têm por base e desejo o fim dos binarismos e dos pressupostos engendrados na modernidade, isto é, a desestabilização dos conceitos reificados e, por vezes, causadores de muito sofrimento naqueles(as) que não se enquadram às ‘normas’

Isso significa dizer que os significados com os quais operamos, inclusive aqueles sobre quem somos, não são dados no mundo (ou seja, não existem antes do uso da linguagem). Tais significados são produzidos nas práticas discursivas em que atuamos (ou seja, a linguagem constrói o mundo e nos constrói). (MOITA LOPES, 2008, p. 14.)

Desse modo, podemos considerar que existe uma vontade latente de transgredir e evidenciar os discursos emergentes na sociedade contemporânea, visto que esses são lócus de construção de novos significados, logo, renegociando-os, desessencializando-os e, por fim, gerando um movimento de resistência.



A Teoria *Queer* não busca respostas prontas e finalizadas. Aliás, nada seria menos *queer* do que operar e construir saberes de modo estabilizador. Nascida da aliança entre teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas (SALIH, 2012), a Teoria *Queer* não se preocupa com definições, fixidez e estabilidade. Partindo do pressuposto de que as identidades são indeterminadas e instáveis, Judith Butler (1990, 2003) desenvolve uma teoria que se propõe a desconstruir categorias num momento em que tudo é contínuo, múltiplo, transitivo, vertiginoso. Assim, a autora é, com efeito, não-essencialista, avessa à assimiliação e continuamente questionadora. Segundo Salih (2012), Judith Butler perturba as noções consagradas ao propor reflexões novas e radicais, de modo a subvertê-las.

Salih (2012) ainda argumenta que Judith Butler reitera que o ‘sujeito’ não é um indivíduo, mas uma estrutura linguística em formação, de maneira que ele não é uma entidade preexistente. Assim, parece-nos que o ‘sujeito’ é um efeito de sentido, construído, claro está, *no e pelo* discurso, pelas performances sedimentadas.

Ora, se o ‘sujeito’ é efeito, também seriam efeitos o gênero, a raça, o corpo, a sexualidade e tantas outras categorias que o modo de pensar e fazer pesquisas positivistas tem alocado em ‘caixas’ pautadas por binarismos. Desse modo, Judith Butler dedica-se a discutir sobre os processos pelos quais nos tornamos sujeitos ao assumirmos (porque performarmos) identidades (de gênero, de raça, de sexualidade) que construímos e que são construídas para nós (SALIH, 2012). Assim, a existência humana é um eterno processo, um devir, em que podemos (porque temos liberdade e existe espaço para tal) assumir uma postura *queer*, logo questionadora, perturbadora das noções estabilizadas, perante a vida em sociedade.

Instigante e questionadora, Judith Butler tem se firmado como um dos principais nomes associados à Teoria *Queer*. Engana-se, porém, quem associa o termo da língua inglesa (*queer*) apenas às questões das práticas sexuais, nominalmente, os *gays*, as lésbicas e os/as transgêneros. Produzir conhecimentos e reflexões apenas sobre as sexualidades humanas com base na Teoria *Queer* é delimitá-la, atitude que não nos parece condizer ao desejado por Judith Butler. Se ser *queer* é ter uma postura de vida questionadora, desestabilizadora, antibinarista, reduzir a teoria ao campo das sexualidades torna-se um indesejado contrassenso.

Desse modo, falar de (logo, fazer) Teoria *Queer* é colocar em prática (ação) a desnaturalização de uma série de construtos estabelecidos, para além das questões que envolvem o universo LGBT. Judith Butler, assim acreditamos, estabeleceu as bases de uma teoria que pode servir de alicerce para observar diversos fenômenos construídos pelo ser





humano, mas que não deseja rótulos e limitações. Se existe algo que a Teoria *Queer* não pode ser é limitada a apenas um grupo social.

Com efeito, abraçar e se pautar na Teoria *Queer* é, antes e acima de tudo, perturbar as noções, quaisquer que sejam elas. Das sexualidades humanas às questões de ordem étnico-raciais, a teoria em tela pode flunar por várias ruas, avenidas, estradas e travessas, combinadas em diferentes localidades. Portanto, é possível observarmos as questões de gênero, sexualidade e raça em espaços virtuais da internet lançando mão dos pressupostos da Teoria *Queer*. Acreditamos que ao dizermos (logo, fazermos) isso, adentramos num território de desestabilizações e lançamos luzes em ruas ainda pouco iluminadas, ainda que pavimentadas por performances sedimentadas, mas que merecem ser vistas, uma vez que têm sido invisibilizadas ao longo do tempo. É nesse sentido que caminharemos na próxima sessão.

### III. A “ALMA ENCANTADORA” DA WEB 2.0

Consideramos relevante esclarecer o que entendemos por Web 2.0. De modo sucinto, o termo é usado para nos referirmos à segunda geração da rede mundial de computadores (*World Wide Web*), cujas principais características encontram-se na troca de informações e na possibilidade de colaboração dos usuários, dando-lhe, desse modo, um teor mais dinâmico e interativo. Moita Lopes (2013) afirma que a Web 2.0 “tem sido chamada de novos letramentos digitais” (p. 132) e que estes “favorecem navegar em discursos inovadores” (p. 131). A segunda geração “multiplica os discursos a que temos acesso de forma ilimitada” (MOITA LOPES, 2013, p. 130), sendo estes desestabilizadores e que fazem emergir as diferenças.

[...] o que importa é colaborar para que outros possam se apossar de outros discursos, podendo se redescrever de todos os pontos de vista, aprendendo a ser outros, questionando suas próprias pressuposições de qualquer natureza, experimentando outros desejos sexuais, muitas vezes guardados debaixo de sete chaves, e que podem ser deflagrados frente à alteridade em meio à Multidão, no anonimato que as redes sociais permitem (MOITA LOPES, 2013, p. 133.)

Cumpramos destacar que o autor, seguindo Hardt e Negri (2005) entende por ‘Multidão’ o “acirramento da diferença e da alteridade” (MOITA LOPES, 2013, p. 131), diferindo-se das ‘massas’ nas quais ocorre um processo de homogeneização ou apagamento das diferenças.



Com a Web 2.0, evidencia-se, portanto, a “Era das relações” (SCHRAGE, 1997) de modo que as pessoas podem usar tal tecnologia:

[...] para se entenderem, reinventar, e para recriar as práticas sociais nas quais vivem, vinculando-se ou não a movimentos sociais, a comunidades de práticas específicas ou [...] a outros desejos sexuais, experimentando a vida íntima de forma diferente ou compreendendo quem são sexualmente. (MOITA LOPES, 2013, p. 131.)

Assim como o pesquisador, operamos com a visão de que a Web 2.0 possibilita a interação de pessoas de diferentes culturas, raças, etnias, sexualidades, gêneros, percepções de mundo etc., em espaços de práticas sociais de letramentos, onde é possível “remodelarmo-nos com as palavras” (PENNYCOOK, 2007, p. 74), inaugurando outros discursos e, conseqüentemente, desestabilizando “performances sedimentadas” (PENNYCOOK, 2007) que, dado seu caráter de iterabilidade e citacionabilidade (DERRIDA, 1977), naturalizam significados preexistentes. Em outros termos: a Web 2.0, por proporcionar a interação em meio à Multidão, coloca em operação a performatividade da linguagem, isto é, “a possibilidade de inaugurar novos sentidos sobre e para a vida social na performance ou de pensar e construir o mundo diferentemente” (MOITA LOPES, 2013, p. 136).

Por ser um espaço de infinitas possibilidades de construção e reconstrução de si, de compartilhamento e de interação, a Web 2.0 acomoda as diferenças em diversas vertentes. Uma rápida busca na ferramenta Google não nos desmente. A procura por uma palavra genérica como ‘sexo’, por exemplo, gera cerca de 125 milhões de resultados em perspectivas distintas.

Nesse cenário virtual, é possível nos depararmos com uma plethora de performances e, também, de performatividades, isto é, de discursos sedimentados (porque sistematicamente repetidos) e discursos desestabilizadores que ‘perturbam’ as noções ditas consagradas ou reificadas.

Ora, em tempos de fluidez, de fronteiras móveis, de inquietações e de incertezas, a Web 2.0 e suas possibilidades interacionais fazem emergir tanto o ‘naturalizado’ quanto o ‘transgressivo’. A ‘alma encantadora’ das ‘ruas’ da Web 2.0 é, então, coexistente entre o ‘moderno’ e o ‘pós-moderno’, entendendo-se por este ‘o desessencializado’ e, por aquele, ‘o essencializado’ ou ‘o binário’. Em tempos de questionamentos e reflexividade, não nos parece conveniente – em perspectiva alguma – vivermos o binário, o ‘dado (supostamente) natural’, muito menos se estivermos pautados pela Teoria *Queer*. Conforme foi observado



anteriormente, esta teoria não deseja naturalizar, mas sim desconstruir categorias, tais como gênero, raça e sexualidade. Em nosso entendimento, esses construtos discursivos estão em constante ‘perturbação’ em diversas ‘ruas’ abertas pela Web 2.0, uma vez que nelas encontramos a Multidão questionando ou se reinventando mediante as categorias mencionadas.

Na próxima seção, visitamos uma ‘rua’/lôcus da Web 2.0 de modo a discutirmos as categorias em tela.

#### IV. FLANANDO POR UMA ‘RUA’ DA WEB 2.0

##### 1. Uma ‘rua’ chamada desejos (sexuais)

MM<sup>1</sup> é garoto de programa, atividade também conhecida como *boy*, *escort*, acompanhante ou michê, sendo este termo considerado mais pejorativo. O papel a ser desempenhando por um profissional dessa área é dar prazer à/ao seu/sua cliente por meio de engajamento em práticas sexuais.

MM possui um blog na internet, o qual é atualizado constantemente. O acesso à página é antecedido por um aviso de conteúdo para adultos e o/a usuário(a) deve optar entre ‘entrar’ ou ‘sair’. A advertência segue uma lógica: o *site* contém fotos do garoto nu em vários ensaios fotográficos, portanto, proibido para menores. O propósito é muito claro: anunciar seus serviços sexuais por meio de visualizações de seu corpo.

Já que se trata de desempenho sexual (a ‘mercadoria’ à venda), MM exhibe disponibiliza fotos de seu órgão sexual em diversos ângulos. O corpo e a genitália estão construídos de ‘mãos dadas’ de modo a aguçar a curiosidade e o desejo de clientes em potencial. Assumimos que, nesse sentido, MM performa a masculinidade associada à virilidade e esta, por sua vez, associada ao tamanho e à ereção do pênis.

A página de MM traz diversos temas que merecem tratamento mais aprofundado. No entanto, três desses temas nos chamaram atenção ao visitarmos seu blog: o gênero, a raça e a sexualidade. Vejamos um de cada vez.

Em seção anterior, abordamos a importância de Judith Butler para a criação da Teoria *Queer*. Igualmente, dissemos que sua abordagem sobre o gênero está longe de ser binarista ou

---

<sup>1</sup> Cumpre esclarecer que o autor do blog permitiu o uso de sua página para fins acadêmicos, desde que seu nome, endereço da página e outras informações fossem mantidos em sigilo. Por essa razão, adotamos o pseudônimo MM.



essencialista. Butler (1990, 2004) questiona a naturalização daquilo que se entende por ‘ser homem’ e ‘ser mulher’. Sendo o sexo uma questão biológica (macho, fêmea e intersexual) relacionada aos aspectos físico-biológicos dos seres humanos, “o gênero é culturalmente construído” (p. 24), negando, portanto, a relação entre sexo e gênero construída por meio de performances repetidas e sedimentadas. Para a filósofa:

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como feminino (BUTLER, 1990, p. 24-25).

Nesse sentido, MM é parte da Multidão (alteridade) que desestabiliza a noção de gênero associado ao sexo e, também, à sexualidade, visto que ele é ‘macho’ numa perspectiva puramente biológica, por possuir um pênis, barba etc; se posiciona discursivamente como (faz performance de) ‘homem de verdade’, ‘macho insaciável’, mas se engaja sexualmente tanto com homens quanto com mulheres, sendo que com homens (segundo MM afirma em sua página) ele tanto pode ser ‘ativo’ como ‘passivo’. Argumentamos que, nesse momento, MM ‘implode’ os *scripts* ou ‘roteiros’ estabelecidos pela “matriz heterossexual” (BUTLER, 1990, 2004), afinal trata-se de um ‘homem’ que beija e faz sexo com outros homens e mulheres, mas que – subvertendo ainda mais a lógica da ‘matriz heterossexual’ normatizadora – aceita ser ‘passivo’.

Se por um lado MM faz performances de gênero e de sexualidade (‘macho’, ‘viril’, ‘ativo’) em seu blog, por outro lado, encontramos na mesma página ‘brechas’ por onde emergem performatividades que ‘implodem’ as noções discursivamente naturalizadas, subvertendo-as, revelam a capacidade de poder “vir a ser” (MOITA LOPES, 2013) e “desfazem o gênero” (BUTLER, 2004).

No que diz respeito à categoria ‘raça’, MM não faz qualquer tipo de menção a esse aspecto em seu blog. Da mesma maneira, os comentários dos visitantes do blog não fazem quaisquer alusões à cor da pele do garoto de programa. Entretanto e curiosamente, no dia 20 de novembro (data em que se celebra o Dia da Consciência Negra no Brasil) de 2013, MM postou em seu mural de outra rede social – Facebook – uma foto em que ele aparece da cintura para cima sem camiseta com o seguinte texto:



Não tenho vergonha em ser filho de Negro, de fazer parte desse mundo. Tenho Maior ORGULHO disso, tenho vergonha mesmo é da sociedade desse país (Brasil) que jamais respeitou negros e mestiços continua desrespeitando, excluindo e desmerecendo a quem hoje chama afrodescendente. (Fonte: facebook)

Creemos que MM colocou essa postagem no Facebook por ser uma rede mais dinâmica e utilizada e não depender de avisos sobre conteúdo, muito embora os conteúdos e fotos estejam sujeitos a denúncias de usuários da rede. Apesar de uma explicação mais acurada (não obtivemos resposta em nosso contato com MM), um fato nos chamou muita atenção: o rapaz se constrói como negro que ‘não tem vergonha de ser filho de negro’ e que tem ‘orgulho’ de tal fato. Importante notar que a palavra está em caixa alta, recurso que a coloca em destaque no texto, apontando para uma performance de raça (‘orgulho’, ‘valor’). Posto isto, é chegado o momento de debatermos brevemente a segunda categoria, qual seja, raça, à luz da Teoria *Queer*.

Ford (2011) argumenta que a identidade racial é “fictícia” (p. 124) embora seja “resistente à crítica” (p. 124). Assim como a sexual, a identidade racial vem atrelada a um “conjunto de normas” (p. 125) que regulam as formas corretas de expressar pertencimento aos grupos de brancos, latinos e asiáticos, construindo um “território seguro, previsível, confortável” (p. 125). Para Ford (2011), a agenda desestabilizadora da Teoria Queer oferece recurso para resistir ao “aumento exagerado das políticas de identidade” (p. 125); disponibiliza “um modo alternativo – de fato, um modo antagonista” (p. 127) que é, em sua opinião, “libertário e criativo” (p.127), uma vez que tal agenda ofertou “três importantes ferramentas para seu trabalho: uma substancial crítica à identidade [...]; crítica como um estilo [...] e a libertação de ortodoxias profissionais” (p. 128). Desse modo, Ford (2011) busca o conflito de ideias e assume uma atitude favorável ao instável, múltiplo, transitório e fluido.

Sullivan (2003) abre seu texto com um posicionamento próximo ao de Ford (2011): a de que a raça é frequentemente “considerada como algo natural e inato” (p. 57). A autora evidencia o caráter decisivo das práticas discursivas na construção e reprodução de categorias de gênero, sexualidade e raça (p. 58). Ao longo de seu texto, Sullivan (2003) analisa uma série de produtos culturais marcados pelo contato de diferentes sociedades e afirma que “a raça é uma instável e mutante fantasia” (p. 65) visto que as teorias de raça “falharam em explicar as chamadas diferenças raciais em termos biológicos” (p. 65). Para esta autora, analisar o construto ‘raça’ em separado de ‘gênero’ e ‘sexualidade’ pode levar à elaboração de



estudos “(pelo menos implicitamente) sexistas e/ou homofóbicos, e análises de sexualidade que são (pelo menos implicitamente) racistas e/ou sexistas” (p. 66), dialogando, então, com Barnard (2004) para quem “categorias culturais como raça, orientação sexual, classe, gênero e outras, não existem independentes umas das outras” (SULLIVAN, 2003, p. 71), devendo, portanto, ser analisadas conjuntamente.

Barnard (2004) questiona a relação entre ‘homossexualidade’ e ‘branquidade’, argumentando que é necessário situar o papel da raça (bem como o do gênero e da sexualidade) na Teoria, no ativismo e nas identidades *queer*. O pesquisador salienta que os estudos e análises que tomam por base a Teoria *Queer* tendem a invisibilizar a presença de negros e negras *queer*: “a raça é sempre sexualizada assim como a sexualidade é sempre racializada” (p. 2). Desse modo, considerar as categorias em separado é um problema que precisa ser resolvido nos estudos de cunho *queer*. Caso isso não seja posto em prática, corre-se o risco de produzir conhecimento que repetem e reforçam normalizações, em especial, a branquidade. Para tanto, Barnard (2004) reitera que se deve “resistir a conceder a teoria *queer* à branquidade [...] para não marginalizar críticos *queer* que de fato pesquisam raça” (p. 6), como é o seu caso.

Sem dúvidas, o que Ford (2011), Sullivan (2003) e Barnard (2004) sugerem é importante e epistemologicamente desafiador. Se trouxermos a questão para o Brasil, cuja sociedade é plurirracial, as dificuldades serão grandes. Primeiramente porque até hoje persiste o ‘discurso da harmonia racial’ – os grupos étnicos aqui podem (e devem) se misturar. Em segundo lugar, e consequência do primeiro, ainda desvelamos nosso racismo, sexismo e homofobia. O ‘homem cordial’ – tomando emprestada expressão de Sérgio Buarque de Holanda (1995) – nega o conflito por temê-lo, mas revela-o em diversas situações, performando (logo, repetindo e sedimentando) discursos que fazem emergir preconceitos e discriminações. Tomaremos como exemplo a situação de homossexuais negros.

## 2. Uma ‘rua’ chamada preconceito

Flanando pela Web 2.0, encontramos outro blog. Desta vez, a página é mantida por um jornalista que se posiciona abertamente como *gay* e negro. Em uma de suas postagens, o autor escreveu o seguinte:

Como homem homossexual negro, tenho procurado nessa minha vida de luta por inclusão social para a população de gays, lésbicas e transgêneros,



construir um diálogo com os movimentos de afirmação racial pontuando a questão da homossexualidade e as suas implicações com a raça.

Ciente do preconceito que a relação da raça com o gênero e a sexualidade acarreta, o autor tem uma postura crítica e questionadora sobre os efeitos de sentido que tal relação desperta.

Conhecer as interdições de liberdade relacionadas à homossexualidade e a raça constitui desafio para todos nós, considerando que falar de homoafetividade nunca é fácil e os sujeitos sofrem duplamente, por serem negros e por experimentarem uma orientação sexual minoritária circundada por muitas e diversificadas interdições. [...] “Trair a raça” é uma condenação/interdição muito comum imposta aos homossexuais afros. Temos de desconstruir este arquétipo negativo porque é fruto da opressão racista representado na fala do macho negro na construção da ideologia de afirmação e aceitação social. Esta prerrogativa reforça que a homossexualidade é coisa de branco, inconcebível ao negro, inaceitável aos negros.

Curiosamente, o autor do texto parece dialogar com Barnard (2004), Sullivan (2003) e Ford (2011) ao perceber que existem outras implicações no binômio ‘*gay negro*’, principalmente quando ele declara que “a homossexualidade não pode ser entendida como um vício branco”, isto é, desnaturalizando a relação entre ser homossexual e branco (cf. Barnard, 2004). Ao centralizar a discussão da homossexualidade negra, o autor do blog o coloca (e se coloca também) em um novo lugar, reivindicando o exercício de sua sexualidade em uma sociedade que se ressentem quando classificada como ‘racista’ e ‘discriminatória’.

Parecem-nos admiráveis as possibilidades de troca de informações e compartilhamentos que a Web 2.0 potencializa, dado o seu caráter dinâmico e de amplo alcance. Com efeito, o autor do blog atinge a Multidão e a faz refletir – não necessariamente concordar, mas traz uma questão séria a ser pensada ou, pelo menos, desvelada.

Interessante também destacar que, diferentemente de MM, o autor do blog em tela constrói-se como *gay* e negro. Isso nos remete ao que Derrida (1977) e Pennycook (2007) reiteram: a linguagem deve ser estudada em práticas discursivas situadas, donde os significados são negociados e podem ser desestabilizados. ‘Ruas’ como as duas aqui brevemente comentadas externalizam não somente a centralidade da linguagem nas construções identitárias, como também as possibilidades de reinvenções e transgressões das ordens estabelecidas, uma atitude *queer* em tempos fluidos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criadora de espaços infinitos para compartilhamento de informações, troca de saberes e reconstruções identitárias, a Web 2.0 tem potencializado a capacidade humana de se inventar e se reinventar por meio de práticas sociais associadas à tecnologia. Longe de estarmos vivendo uma era da informação e mais próximos de uma era dos relacionamentos (SCHRAGE, 1997), nos encontramos situados(as) em um momento crucial. Em tempos de pós-modernidade, fluida e instável, fazemos parte da Multidão (MOITA LOPES, 2013) que, na Web 2.0, pode exercer o direito a viver e deixar emergir as diferenças de classe, de raça, de etnia, de sexualidade, de gênero, de afinidades etc.

A Teoria *Queer* pode ajudar a revisitar e reconstruir novos modos de ver e entender os fluxos de diversificadas esferas. No que tange aos construtos de ‘gênero’ e de ‘sexualidade’, essas teorias têm promovido ‘viradas’ na compreensão acerca dos construtos teóricos tradicionais, encontrando, em boa hora, críticos àqueles (as) que não têm em suas agendas questões envolvendo ‘raça’. Para autores como Barnard (2004) e Ford (2011), fazer Teoria *Queer* estando ‘cego’ (SULLIVAN, 2003) ao construto ‘raça’ pode gerar análises racistas e/ou sexistas.

Ao flanarmos por duas páginas da internet de homens situados em diferentes contextos socioculturais, pudemos perceber a indissociabilidade entre os construtos sociodiscursivos por ora abordados. Ao atentarmos para a página do garoto de programa MM, por exemplo, não podemos perder de vista seu aspecto mercadológico (vender seu produto: o corpo para práticas sexuais) e as performances identitárias que ali são engendradas com base nas noções de gênero, raça e sexualidade. Isto é: sendo homem e negro, espera-se que ele seja ‘ativo’, ‘ másculo’, ‘bem dotado’, ‘insaciável’, ‘incansável’. Com efeito, MM assim se declara (diz/faz); entretanto, o rapaz ‘implode’ essas fronteiras ao engajar-se em práticas sexuais com o mesmo gênero e na posição chamada ‘passivo’. Inegavelmente, MM sedimenta umas performances, ao mesmo tempo em que faz a performatividade – inaugura novos discursos e significados – em sua página.

Igualmente desestabilizadoras são as postagens encontradas no blog do jornalista e ativista do movimento *gay*. Claro está que, por fazer parte de um contexto diferente, suas performances diferem em ampla escala daquelas de MM. Contextos diferentes, discursos diferentes. O jornalista não tem como propósito anunciar um produto. Sua intenção é outra:





trazer à tona e problematizar o binômio 'gay negro'. Ainda assim, ele se aproxima de MM no que tange à necessidade (desejo?) de inaugurar novos discursos (a performatividade da linguagem) em sua página na internet.

Não duvidamos de que as considerações que compõem este trabalho são breves e podem ser aprofundadas. Entretanto, cremos ter conseguido argumentar que a Web 2.0 é um espaço de interação dinâmico e revelador das transitividades que nós experienciamos ou podemos experimentar. São 'moinhos medievais', 'praças' ou 'ruas' por onde transitam seres humanos que podem se tornar mais reflexivos, questionadores e, quem sabe, 'perturbadores' das noções cristalizadas que ainda nos constituem por meio de vários discursos e que muitas vezes nos fazem sofrer.

## REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl. Introdução. In: RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Org.: Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 7-17.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARNARD, Ian. *Queer race: cultural interventions in the racial politics of queer theory*. New York: Peter Lang, 2004.

BUTLER, Judith. *Gender trouble. Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

\_\_\_\_\_. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Evanston: Northwestern U.P., 1977.

FORD, Richard Thompson. What's queer about race? In: HALLEY, J.; PARKER, A. (orgs.). *After sex? On writing since queer theory*. Durham: Duke University Press, 2011.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Multidão*. Guerra e democracia na era do Império. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



LOXLEY, J. *Performativity*. New York: Routledge, 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Em meio à Multidão e seus desejos na Web 2.0. In: SOUZA, Eneida Maria; LAGUARDIA, Adelaine; MARTINS, Anderson Bastos (orgs.). *Figurações do íntimo – ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. Gêneros e sexualidades nas práticas discursivas contemporâneas: desafios em tempos queer. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). *Identidades de gênero e práticas discursivas*. Campina Grande: EDUEP, 2008. p. 13-18.

\_\_\_\_\_. O novo ethos dos letramentos digitais – Modos de construir sentido, revolução das relações e performances identitárias fluidas. In: SIGNORINI, Inês; FIAD, Raquel Salek (orgs.). *Ensino de língua: das reformas, das inquietações e dos desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 204-229.

PENNYCOOK, Allastair. *Global Englishes and transcultural flows*. New York: Routledge, 2007.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Org.: Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SALLIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SEDGWICK, Eve K. *Epistemology of the closet*. New York: Penguin Books, 1990.

SCHRAGE, Michael. *The relationship revolution*. Texto disponível em: <[http://yitan.com/The\\_Relationship\\_Revolution](http://yitan.com/The_Relationship_Revolution)>. Último acesso: jan. 2014. Não paginado.

SULLIVAN, Nikki. *A critical introduction to queer theory*. New York: New York University Press, 2003.

WILCHINS, R. *Queer theory, gender theory*. Los Angeles: Alysson Books, 2004.